

Márcia Moreira de Araújo
Carlos Jordan Lapa Alves
(Organizadores)

EDUCAÇÃO: MINORIAS, PRÁTICAS E INCLUSÃO



Atena
Editora

Ano 2021

Márcia Moreira de Araújo
Carlos Jordan Lapa Alves
(Organizadores)

EDUCAÇÃO: MINORIAS, PRÁTICAS E INCLUSÃO



Atena
Editora

Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Gírlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Fernando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Educação: minorias, práticas e inclusão

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Marcia Moreira de Araújo
Carlos Jordan Lapa Alves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação: minorias, práticas e inclusão / Organizadores
Marcia Moreira de Araújo, Carlos Jordan Lapa Alves. –
Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5983-040-4
DOI 10.22533/at.ed.404211405

1. Educação. I. Araújo, Marcia Moreira de
(Organizadora). II. Alves, Carlos Jordan Lapa (Organizador).
III. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Neste momento contemporâneo e avassalador, que minimiza nossa potência de agir, esse livro é um “respirar leve”, e traz consigo outras possibilidades de pensar, fazer e viver a educação neste contexto que inclui e reverbera liberdades e multiplicidades do agir democrático, fora dos padrões colonizados em nossas mentes por séculos.

Inspirados em nossos estudos, temos a urgência em entender como que uma sociedade inteira não se reduz a vigilância e propõe micro-liberdades individuais e coletivas. Junto a Certeau(1994) , problematizamos neste espaço: “que procedimentos populares (também minúsculos e cotidianos) jogam com os mecanismos da disciplina e não ser para alterá-los? Que táticas e artes de fazer engendram nas tramas da vida que formam uma contrapartida, do lado dos consumidores (ou “dominados”), dos processos silenciados que organizam as micropolíticas e formam as subjetividades diversas?

Eis, portanto, nossa grande missão neste livro: propiciar momentos, debates, críticas e litigar com poderes que permeiam o campo educacional tornando-o tradicional, excludente e retrogrado. A educação do presente não pode e não deve ser desconectada da realidade social, da diversidade étnica, de gênero, religiosa e de crença que a sociedade vive. Talvez, essa seja a hora de derrubar os muros que ergueram em volta das escolas para que este lugar seja de todos e todas.

Pensar raça, gênero, sexualidade, exclusão, inclusão, feminismo, machismo e interseccionalidade no contexto escolar é obrigação de educadores e educadoras neste momento histórico no qual as bases democráticas estão constante tensão. Não cabe a escola e aos professores o papel de agente passivo, mas ações veementes e fortes a favor da luta pela igualdade, equidade e qualidade educacional para todas as crianças de todas as crenças.

Em um país onde as Casas de Leis perdem tempo propondo projetos para inibir e coibir o fazer docente, por exemplo, projeto de Lei 4893/20 que busca criminalizar professores que debatem assuntos ligados a gênero e sexualidade, a balança do poder deve agir criando reações de contrapoder: ao silêncio o barulho, a ordem a desordem, a punição a revolta. Nunca cabe a um docente o papel de submissão, mas ação, a criticidade.

Esperamos que o leitor, ou a leitora, faça produções fecundas e inventivas a partir desta proposição de textos que apresentam uma subversão no espaço educativo nos múltiplos modos de aprendizagens. Desejamos que as apostas sejam a captura do que escapa dos modos imperativos de educação, e que as possibilidades de invenção e criação reverberem na prática docente por uma educação mais condizente com o que a humanidade vem liberando como demandas sociais.

Desejamos uma excelente aventura literária e formativa!

Márcia Moreira de Araújo
Carlos Jordan Lapa Alves

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

MULHERES QUILOMBOLAS DE BARRINHA- SFI- RJ: NA LUTA E (RE)EXISTÊNCIA POR SUA LEGITIMAÇÃO COMO CATADORAS DE OSTRAS

Márcia Moreira de Araújo

Leandro Garcia Pinho

DOI 10.22533/at.ed.4042114051

CAPÍTULO 2..... 19

INCLUSÃO UNIVERSITÁRIA NA UFPB: UM ESTUDO DOCUMENTAL SOBRE AS AÇÕES DO COMITÊ DE INCLUSÃO E ACESSIBILIDADE

Ana Cristina Silva Daxenberger

Maria Sônia Lopes da Silva

Nielson Firmino de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.4042114052

CAPÍTULO 3..... 33

IMAGENS E SINAIS: UMA PROPOSTA DE ENSINO COLABORATIVO PARA SE COMPREENDER A OBRA *OS SERTÕES* NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS)

Márcio Araújo de Almeida

Matheus Anacleto da Silva

Paulo Augusto Tamanini

DOI 10.22533/at.ed.4042114053

CAPÍTULO 4..... 50

JOGOS DIDÁTICOS: *HOJE É ... DIA DE BRINCAR !!!*

Leonice Elci Rehfeld Nuglisch

Lucia Oliveira de Andrade

DOI 10.22533/at.ed.4042114054

CAPÍTULO 5..... 57

O ALUNO COM DEFICIÊNCIA VISUAL EM ESPAÇO *FITNESS*: O ACOLHIMENTO DA PRESENÇA

Robenilson Nascimento dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.4042114055

CAPÍTULO 6..... 73

O DESAFIO DA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Elida Carolina Almeida Roque

Felippe Wanderley da Costa

Fernanda Gonçalves da Silva

Lohane Miranda da Silva

Lohrena Teixeira Cardoso de Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.4042114056

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 7 | 82 |
| O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E DA ESCRITA ATRAVÉS DE ATIVIDADES DESAFIADORAS EM UM ALUNO COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM | |
| João Marcos Cristiano Tomaz Edêlma Targino | |
| DOI 10.22533/at.ed.4042114057 | |
| CAPÍTULO 8 | 96 |
| O PAPEL DO AFETO NO DESENVOLVIMENTO DO AUTISTA | |
| Maria Paula Rodrigues de Macedo | |
| DOI 10.22533/at.ed.4042114058 | |
| CAPÍTULO 9 | 107 |
| O ENSINO DE MATEMÁTICA ATRAVÉS DO SOROBAN: UM RECURSO CONCRETO QUE PODE SER UTILIZADO POR TODOS | |
| Raffaela de Menezes Lupetina Margareth Oliveira Olegário | |
| DOI 10.22533/at.ed.4042114059 | |
| CAPÍTULO 10 | 117 |
| O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO ALUNO COM TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO | |
| Sabrina dos Santos Silva de Almeida Rágina Candido da Silva Costalonga Isabel Cristina Polonine Leonardo Barreto da Costa Cristiano de Assis Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.40421140510 | |
| CAPÍTULO 11 | 130 |
| OS DIREITOS DOS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA: UMA REVISÃO DE LITERATURA | |
| Luciene Cristina de Assis Elivania Cristina de Assis Ananias | |
| DOI 10.22533/at.ed.40421140511 | |
| CAPÍTULO 12 | 138 |
| O USO DE TDIC NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM DO ALUNO SURDO NO ENSINO SUPERIOR | |
| Suellen Teixeira Nascimento | |
| DOI 10.22533/at.ed.40421140512 | |
| CAPÍTULO 13 | 149 |
| OS PROBLEMAS RELACIONADOS A EVASÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS | |
| Leylyane da Conceição Gomes Ferreira Katia de Souza Merence Vanda das Neves Gomes | |

Rayane Batista de Moraes
Graciema da Cruz Silva
DOI 10.22533/at.ed.40421140513

CAPÍTULO 14..... 161

PAIS SURDOS – ESCOLA OUVINTE: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL

Giseli de Oliveira Fonseca
Edmar Reis Thiengo

DOI 10.22533/at.ed.40421140514

CAPÍTULO 15..... 181

POETIZAR A CEGUEIRA: O FILME *VERMELHO COMO O CÉU* E A EDUCAÇÃO COM O SONORO

Glauber Resende Domingues

DOI 10.22533/at.ed.40421140515

CAPÍTULO 16..... 192

PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO POR MEIO DE JOGOS PEDAGÓGICOS COM ALUNO COM PARALISIA CEREBRAL DIPARÉTICA: ESTUDO DE CASO

Marciana dos Santos Silva Ventura
Katia Gonçalves Castor

DOI 10.22533/at.ed.40421140516

CAPÍTULO 17..... 204

RETRATOS, VIVÊNCIAS E APRENDIZAGENS

João Paulo Apolari
Ana Paula Ferreira de Melo Morgado
Thaís Casemiro Flores
Marta de Fátima Silva Forsan
Ivanete de Oliveira Dorta

DOI 10.22533/at.ed.40421140517

CAPÍTULO 18..... 213

O SERVIÇO SOCIAL DESENVOLVIDO NA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS (APAE)

Alexsandra do Socorro Farias Fernandes
Kleber Vinicius G. Feio
Dayane Cereja Ferreira da Silva
Ivana Lia Rodrigues de Carvalho
Raimunda da Silva Santana
Marlene Ribeiro Reis
Mariana do Ó Teixeira Santos
Beatriz Ribeiro Reis

DOI 10.22533/at.ed.40421140518

CAPÍTULO 19..... 226

REFLEXÕES ACERCA DA MOBILIDADE URBANA: DESAFIOS DE ACESSIBILIDADE

Andreia da Silva Neto

Sheila Venancia da Silva Vieira
DOI 10.22533/at.ed.40421140519

CAPÍTULO 20.....234

SOCIEDADE E DIREITO: MANUTENÇÃO DE PAPÉIS SOCIAIS E A IMPORTÂNCIA DA PROMOÇÃO DA MULHER

Júlio César Pinheiro do Nascimento
Samuel Henrique

DOI 10.22533/at.ed.40421140520

CAPÍTULO 21.....242

TRAJETÓRIA DE VIDA, AUTOETNOGRAFIA E GÊNERO: RESSIGNIFICAÇÃO DA EXISTÊNCIA A PARTIR DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM TURISMO

Aparecida de Fátima Pereira Balbina
Márcia Maria de Medeiros

DOI 10.22533/at.ed.40421140521

CAPÍTULO 22.....253

UMA COMPREENSÃO ACERCA DO PAPEL DOS INTÉRPRETES DE LIBRAS À COMUNIDADE SURDA: PERSPECTIVAS TEÓRICO-REFLEXIVAS

Luan Tarlau Balieiro

DOI 10.22533/at.ed.40421140522

CAPÍTULO 23.....260

VIOLÊNCIA A PESSOAS NA ESCOLA

Maria Vera Lúcia da Rocha Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.40421140523

CAPÍTULO 24.....273

VALORIZANDO A DIVERSIDADE CULTURAL: OFICINA DE ABAYOMIS

Pâmela Camile Silva Benevenuto Rodrigues
Milena Moreira de Oliveira
Aparecida Fátima Camila Reis

DOI 10.22533/at.ed.40421140524

CAPÍTULO 25.....279

STARTUP EDUKANET: UMA PROPOSTA DE SISTEMA EDUCACIONAL E TECNOLÓGICO PARA SURDOS

Nathalia da Silva Castro
Giseli de Oliveira Fonseca
Anilton Salles Garcia

DOI 10.22533/at.ed.40421140525

CAPÍTULO 26.....290

CURRÍCULO E CULTURA SURDA: A EDUCAÇÃO BICULTURAL EM QUESTÃO

Cauê Jucá Ferreira Marques
Marilene Calderaro Munguba

DOI 10.22533/at.ed.40421140526

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 27 | 297 |
| EDUCAR NO CÁRCERE: FUNDAMENTOS LEGAIS DA EDUCAÇÃO EM PRISÕES Luana Soares Pereira Marilde Chaves dos Santos DOI 10.22533/at.ed.40421140527 | |
| SOBRE OS ORGANIZADORES | 308 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 309 |

O PAPEL DO AFETO NO DESENVOLVIMENTO DO AUTISTA

Data de aceite: 03/05/2021

Data da submissão: 02/02/2021

Maria Paula Rodrigues de Macedo

Universidade de Franca

Franca – São Paulo

<http://lattes.cnpq.br/3701921322573887>

RESUMO: O presente trabalho tem como tema o papel da afetividade no desenvolvimento cognitivo do pessoa com autismo, já que, nos dias atuais, cada vez mais se faz necessário à inclusão social dos indivíduos acometidos por esse transtorno. Visamos analisar e compreender a importância da afetividade no desenvolvimento de pessoas diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Para tanto, buscamos, como arcabouço teórico, a vasta bibliografia de autores, como Sérgio Antônio da Silva Leite, Claudia Broetto Rossetti e Vanda Ferreira Manoel, entre outros autores pesquisadores, oriundos do cabedal de estudos realizados sobre o espectro autista e a influência da afetividade no seu desenvolvimento. Como metodologia, será utilizada a revisão bibliográfica, bem como a análise e a discussão dos dados encontrados nas diversas obras utilizadas e analisadas. O autismo é um transtorno que se caracteriza por causar prejuízos no desenvolvimento global da criança, pois afeta principalmente a comunicação verbal e não-verbal, assim como, a interação social. A afetividade funciona como mediadora no processo de aprendizagem. Por essa razão,

quando há afeto, há ampliação do interesse, que gera a necessidade de aprender e a motivação. Dessa forma, a afetividade pode ser usada como instrumento no desenvolvimento cognitivo da pessoa com autismo. Com base nesses conceitos e nas teorias apresentadas, buscamos apresentar um entendimento mais amplo da influência da afetividade no desenvolvimento de pessoas acometidas pelo TEA.

PALAVRAS-CHAVE: Autismo; Afetividade; Inclusão; Educação.

THE ROLE OF AFFECTION IN THE COGNITIVE DEVELOPMENT OF AUTISTIC PEOPLE

ABSTRACT: The aim of this assignment is to show the role of affection in the cognitive development of autistic people. Nowadays, the social inclusion of individuals suffering from this disorder is increasing. Our goal is to analyze and understand the importance of affection in the development of people diagnosed with the spectrum autistic disorder. As such, we utilized academic support including an extensive bibliography of author, such as: SérgioAntônio da Silva Leite, Claudia Broetto Rossetti and Vanda Ferreira Manoel, among others to cover the research about the autistic spectrum and the effect of affection in one'sdevelopment. The methodology includes a bibliographic based research and the analysis and discussion of data found in previous research. Autism is a disorder that is characterized for bringing problems in the global development of the child, mainly affecting oral communication and, consequently, social interaction. Affection is a basic element that acts like a mediator in the

process of learning. Therefore, when there is affection, there is an increment of the attention, that causes necessity and motivation, which results in interrogations and create questions to be solved. Thus, the affectivity can be used like a tool in the cognitive development of the individual with autism. Based on these concepts and theories presented, we intend to obtain a wider understanding of the effect of the affectivity in development of people with this disorder. **KEYWORDS:** Autism; Affectivity; Inclusion; Education.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar o papel da afetividade no desenvolvimento do autista. Assim, será feita uma reflexão sobre a utilização da afetividade como estratégica para que o aluno acometido pelo Transtorno do Espectro Autista (TEA) tenha possibilidades de se desenvolver. Para tanto, foi apresentada uma análise bibliográfica sobre autismo e afetividade.

A afetividade não diz respeito apenas ao carinho e ao amor, diz respeito à capacidade de a pessoa ser afetada por emoções internas e externas, sejam elas boas ou ruins. Essa capacidade, quando aplicada ao meio educacional da forma correta, pode trazer ganhos significativos para todos os alunos, em especial, aqueles acometidos pelo Transtorno do Espectro Autista.

O autismo é um transtorno que compromete o desenvolvimento global e causa prejuízos na comunicação e na interação social. Além disso, leva as pessoas acometidas por ele a ter comportamentos repetitivos e interesses restritivos. De acordo com o CDC (*Center of Diseases Control and Prevention*), para cada 110 pessoas, há um autista. E esses autistas precisam ser incluídos na sociedade da melhor forma.

A escola é o lugar onde ocorre a maioria das interações sociais na vida da criança e do adolescente. Por essa razão, tanto as escolas, como os professores e a equipe gestora precisam estar preparados para receber os mais variados tipos de alunos – dentre esses, aqueles que apresentam autismo.

Com o intuito de mostrar e entender a necessidade da afetividade para o desenvolvimento do autista, esse artigo apresentará algumas teorias sobre o assunto. Assim, será abordada a visão de grandes autores, como Jean Piaget, Lev Vygotsky e Henri Wallon. Além disso, serão mencionados alguns teóricos que tratam da afetividade e sobre como esta pode ser utilizada como ferramenta no desenvolvimento da pessoa acometida pelo espectro autista.

A AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO SEGUNDO JEAN PIAGET, LEV VYGOTSKY E HENRI WALLON

Segundo o dicionário Aurélio, a afetividade é o “conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação, de agrado ou desagrado, de alegria

ou tristeza”.

A educação é o processo de construção do conhecimento por parte do aluno e tem, como principal mediador, o professor. Sendo assim, é inevitável que haja uma relação estabelecida entre o professor e os alunos. Dessa forma, a afetividade é imprescindível no processo de ensino aprendizagem.

Por muito tempo, não se acreditava que a afetividade tinha alguma relação com a cognição. Essa era uma concepção dualista do ser humano, em o homem é tido como um ser dividido entre a razão e a emoção. Porém, com o passar dos anos e por intermédio dos estudos de Jean Piaget, Lev Vygotsky e Henri Wallon, passou-se a entender a importância da afetividade para o desenvolvimento da criança.

De acordo com Leite (2001, p. 21), “no estrito entrelaçamento entre afetividade e cognição, as conquistas do plano afetivo são absorvidas pelo plano cognitivo, e vice versa”. Em outras palavras, afetividade e cognição, as emoções e a construção do conhecimento estão fortemente ligadas umas as outras.

Segundo Leite (2001, p. 24):

Vygotsky assume que a origem das funções superiores do comportamento consciente deve ser buscada nas relações que o homem mantém com sua cultura. Deve-se, no entanto, destacar que, quando o autor aborda o conceito de cultura, refere-se ao grupo social que fornece aos indivíduos um ambiente estruturado, pleno de significados socialmente compartilhados, o que também inclui aspectos afetivos.

A escola é o lugar em que o aluno passa grande parte de sua vida e convive com várias pessoas diferentes, como: os funcionários da escola, os colegas de sala e os professores. Por essa razão, é de extrema importância entender o papel dessa vivência social do aluno dentro da escola e da afetividade nela envolvida.

Rossetti e Ortega (2012, p. 145) apresentam uma importante reflexão de Piaget acerca do papel da afetividade no desenvolvimento da criança:

O que disse Piaget sobre afetividade pode ser resumido na citação abaixo:

É indiscutível que o afeto tem um papel essencial no funcionamento da inteligência. Sem o afeto não haveria nem interesses, nem necessidades, nem motivação; em consequência, as interrogações ou problemas não poderiam ser formulados e não haveria inteligência. O afeto é uma condição necessária para a constituição da inteligência. No entanto, em minha opinião, não é uma condição suficiente. (Piaget, 1962/1994, p. 129)

Para Piaget, a afetividade se manifesta no interesse gerado na criança. Para ele, toda conduta possui um campo intelectual e um campo afetivo que se envolvem em uma relação recíproca, porém possuem naturezas diferentes. Nessa relação entre a afetividade e a inteligência, deve-se estabelecer que a afetividade define as metas para condutas, e a inteligência define os meios para atingi-la.

Sendo assim, novamente é apresentada a visão de que afetividade e inteligência andam lado a lado e se fundem para que haja um desenvolvimento mais integral, voltado para a formação de um indivíduo completo.

Wallon, por sua vez, salienta a relação entre sujeito e objeto para que se possa construir o conhecimento. Dentre esses objetos, destaca-se o Outro (social), que é um ser que se emociona, sendo que as primeiras emoções permitem as primeiras cognições e a construção do conhecimento da criança.

Diferentemente de Piaget, Wallon acredita na determinação inicial das emoções sobre a inteligência e também propõe a alternância do desenvolvimento, por meio da qual, em certos momentos, a inteligência prevalece sobre a afetividade e, em outros, acontece o inverso, é quando a emoção predomina sobre a inteligência.

A AFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL E NA EDUCAÇÃO

A afetividade não diz respeito apenas ao amor, a “sempre dizer sim”, ao carinho, mas, sim, diz respeito à capacidade do ser humano de ser afetado tanto por sensações internas como externas, seja de forma negativa ou positiva. Ou seja, ela não comporta apenas o que se recebe, nem somente aquilo que se “oferece”, mas abarca o conjunto dos dois: o dar e o receber.

Dessa forma, assim como, em um hospital, o histórico de um paciente é de extrema importância para se identificar o que ele já passou, as quais procedimentos ele foi submetido e com quais doenças ele foi diagnosticado, na escola, o histórico afetivo e social da criança é de extrema importância também, visto que a socialização e a afetividade às quais a criança é exposta se refletem na constituição da criança. Logo, as vivências escolares também estão implicadas na construção pessoal do aluno.

As crianças aprendem por meio de ações partilhadas e mediadas pela linguagem. Dessa forma, quando a criança está em contato com o adulto, ela vai construindo seus esquemas mentais e sua inteligência. A presença de tal adulto, como um professor, traz ao aluno a noção de segurança física e emocional para que possa explorar o ambiente e se desenvolver para construir seu conhecimento.

Nessa perspectiva, o afeto pode ser visto como a fonte de energia para que as estruturas cognitivas operem, já que, quando as pessoas se sentem seguras, têm maior facilidade de aprender. Daí a importância da afetividade na educação.

No âmbito da questão educacional, é extremamente importante que haja uma relação de afetividade entre todos os funcionários e os alunos, principalmente entre os professores e os alunos, pois são os que passam a maior parte do tempo com eles, já que a forma como a aula ocorre e as relações que se dão dentro da sala têm total ligação com a aprendizagem do aluno.

Quando há uma relação de autoritarismo, em que o aluno é visto como aquele que

só recebe o que o professor transmite e é obrigado a se portar como uma estátua, sem poder, ao menos, olhar para o lado com medo de se pronunciar durante a aula, não há espaço para a construção de conhecimentos por parte do aluno.

É na relação com o outro que o aluno vive experiências e constrói conhecimentos que não conseguiria desenvolver sozinho. Quando a relação professor-aluno se baseia na insegurança e medo, o aluno se sente constrangido a ponto de não expor suas dúvidas e, assim, retarda seu aprendizado.

Porém, se a relação entre professor e alunos for baseada exclusivamente no carinho, sem que haja respeito às regras, pode acontecer de ser mal interpretada pelos alunos, o que os levaria a entender que não há limites. Uma situação assim impede que o professor crie ambientes favoráveis para que ocorra a construção de conhecimento de forma saudável e, conseqüentemente, afeta a aprendizagem dos alunos.

É necessário que haja um vínculo saudável entre professor e alunos, uma relação alicerçada no respeito, na afetividade e no comprometimento, sem que haja exageros tanto na liberdade dada aos alunos, quanto no rigor por parte do professor, uma vez que se preza a educação, que forme o aluno não só para a escola, mas para a vida.

A afetividade é parte constituinte da interação social, e é por meio desta que a aprendizagem se dará. Vejamos o que declaram Davis e Oliveira (2010, p. 26) a esse respeito:

A aprendizagem é o processo por meio do qual a criança se apropria ativamente do conteúdo da experiência humana, daquilo que o seu grupo social conhece. Para que a criança aprenda, ela necessitará interagir com outros seres humanos, especialmente com os adultos e com outras crianças mais experientes. Nas inúmeras interações em que se envolva desde o nascimento, a criança vai gradativamente ampliando suas formas de lidar com o mundo e vai construindo significados para as suas ações e para as experiências que vive.

É importante lembrar que o convívio social não ocorre apenas na escola e que a comunidade em que a criança está inserida também influencia em sua aprendizagem e na formação de seu caráter, assim como a questão cultural e familiar. Por meio de todas essas interações, a criança aperfeiçoa sua forma de lidar com o cotidiano.

A construção de conhecimento se dá em todos os lugares e contextos, uma vez que as vivências pessoais interferem na aprendizagem de forma significativa. Por exemplo, uma criança que passa por problemas como agressão, brigas, envolvimento com drogas e que tenha uma relação afetiva conturbada com os pais provavelmente refletirá isso tanto na sala de aula, quanto em tudo que fizer, pois tudo isso afetará a formação de sua personalidade.

ALGUMAS TEORIAS SOBRE O AUTISMO

Existem várias abordagens a respeito do autismo, entre elas, as teorias psicanalíticas. Dentro destas, existem várias formas diferentes de apresentar o transtorno, uma delas é a definição de Melanie Klein (1965 apud ROSA; CALLIAS,2000,s./p.):

Para a autora, o autismo era explicado em termos de inibição do desenvolvimento, cuja angústia decorria do intenso conflito entre instinto de vida e de morte. Supunha, tal como Kanner (1943), que tal inibição seria de origem constitucional a qual, em combinação com as defesas primitivas e excessivas do ego, resultaria no quadro autista. O bloqueio da relação com a realidade e do desenvolvimento da fantasia, que culminaria com um déficit na capacidade de simbolizar, seria então, central à síndrome.

Dentro das teorias psicanalíticas, temos ainda outros pensadores como Kaufman, Frank, Friend, Heims& Weiss (1962), que vêem tal transtorno como um sintoma dos pais, em que se tem uma visão da mãe como uma lacuna de manifestações espontâneas de sentimentos.

Mazet & Lebovici (1991) apresentam o TEA como uma forma de falta de fronteiras psíquicas causada pela ausência de diferenciação entre o inanimado e o animado.

Ainda, Aulagnier (1981 apud MARATOS, 1996) traz o conceito de autismo como consequência de rigorosas dificuldades em formar representações ícones entre as representações mentais e áreas somáticas.

Temos também Tustin (1981, 1990), que compreende os estados autistas como uma resposta à inaptidão de filtrar as experiências sensoriais, em que a função da ‘concha’ autística se mostra mais de proteção do que compensatória.

Outro tipo de teoria usada para explicar o TEA é a Teoria Afetiva (Hobson,1993), que sugere que o autismo se origina de uma disfunção primária do sistema afetivo, ou seja, o autismo se dá quando a pessoa nasce com uma inaptidão para se envolver emocionalmente com outras pessoas, o que resulta na falha do reconhecimento dos estados mentais e no prejuízo da capacidade de abstrair e simbolizar, o que impediria a criança de viver a experiência social intersubjetiva.

Apresentamos ainda a Teoria da Mente, que significa a habilidade de conferir estados mentais a outras pessoas e predizer seus comportamentos nas mesmas funções destas atribuições (PREMACK; WOODRUFF, 1978). É importante dizer que, o conceito de representação está intimamente ligado à Teoria da Mente.

Baron-Cohen, Leslie &Frith (1985), ao adaptar o experimento da teoria da mente, criaram o teste da Sally-Ann. Nesse teste, investigaram um possível déficit das crianças autistas na habilidade de beneficiar-se do contexto social para entender o que as pessoas ao redor pensam e acreditam. A conclusão que tiveram com esse teste é que essas crianças apresentam um desvio, ou atraso na habilidade de desenvolver uma teoria da mente.

As Teorias Neuropsicológicas e de Processamento da Informação, que são baseadas

no trabalho de Hermelin e O'Connor (1970), concluíram que as crianças autistas possuem déficits cognitivos específicos como problemas na percepção de ordem e significado, dificuldades em usar o input sensorial interno ao realizar diferenciações na ausência de *feedback* de respostas motoras e aptidão a armazenar a informação visual, utilizando um código visual.

Pode-se dizer, então, que há uma expansão considerável de pesquisas sobre os aspectos sociais e cognitivos na área do autismo, porém uma interpretação única e final permanece impossível por razões diversas, como a especificidade de cada caso, a necessidade de que haja mais estudos na área, entre outras.

Face a tantas abordagens, podemos entender o Transtorno do Espectro Autista como um fenômeno que afeta principalmente as relações sociais e a comunicação. Como todo transtorno, não existe uma causa confirmada, nem cura para tal, mas existe, sim, tratamento para ele.

O QUE É O AUTISMO AFINAL?

De acordo com o DSM-IV-TR 2002, O Transtorno do Espectro Autista caracteriza-se por causar prejuízos no desenvolvimento global da criança, que se iniciam até os primeiros três anos de vida e compromete severamente três principais áreas do desenvolvimento: o prejuízo qualitativo na interação social, o prejuízo qualitativo na comunicação verbal e não-verbal e comportamentos e interesses restritivos e repetitivos.

Em outras palavras, O TEA está entre os transtornos globais do desenvolvimento e é definido por uma tríade constituída por prejuízos severos em três principais áreas: interações sociais, comunicação e comportamento, esses prejuízos começam a se manifestar até os três primeiros anos de vida das crianças.

Sendo assim, a criança tem muita dificuldade em iniciar e manter interações com as pessoas a sua volta, apresenta interesses restritos e repetitivos, ausência de brincar convencional e comportamentos não usuais, como birras, choros e autoagressão e possui déficits significativos na compreensão, expressão e produção de comportamentos comunicativos não-verbais e verbais.

O autismo não é uma doença, mas sim um transtorno mental, não tem cura, mas tem tratamento e suas causas não são completamente conhecidas. O reconhecimento precoce, juntamente com o acompanhamento e o tratamento, pode reduzir os sintomas. Outro ponto que deve ser observado sobre o autismo é que não existem dois autistas iguais. Cada pessoa acometida por esse transtorno é diferente e possui suas singularidades.

A AFETIVIDADE COMO INSTRUMENTO PARA O DESENVOLVIMENTO DO ALUNO AUTISTA

Com o aumento dos diagnósticos precoces de autismo, as intervenções precoces de base desenvolvimentista procuram amenizar ou reverter as dificuldades iniciais das crianças autistas, com o intuito de não ocasionar novas dificuldades em seu desenvolvimento. Nos Estados Unidos e na Inglaterra, essa abordagem se mostra como um alicerce nas intervenções utilizadas em crianças autistas atualmente (GREENSPAN & WIEDER, 2006; PRIZANT, WETHERBY, RUBIN, & LAURENT, 2003).

Segundo Olívia Fiore-Correia e Carolina Lampreia, (2010):

Os programas que utilizam a abordagem desenvolvimentista afirmam que é fundamental para a diminuição do desvio do desenvolvimento da criança autista o desenvolvimento da sua comunicação inicial e da intenção comunicativa, habilidades que a capacitam a interagir, a comunicar-se e a desenvolver comportamentos próprios do desenvolvimento infantil típico (Greenspan & Wieder, 2006; Klinger & Dawson, 1992; Prizant et al., 2003). Essa comunicação inicial abrange todos os comportamentos comunicativos da criança, sejam eles verbais ou não verbais. Afinal, para essa abordagem, o importante é ajudar essa criança a comunicar-se e a interagir adequadamente com os seus parceiros de interações, o que é feito baseando-se na criação de estratégias que impelem a criança a comunicar-se naturalmente através de uma necessidade ou interesse. Devido a isso, essa abordagem utiliza contextos naturais de interações para que as crianças desenvolvam espontaneamente os seus comportamentos comunicativos.

Como os contextos naturais de interações são imprescindíveis para que a criança se comunique e interaja naturalmente, essa abordagem utiliza a família como um dos principais fomentos do desenvolvimento de sua criança. Ela é considerada o apoio fundamental para que a criança interaja e se comunique através dos mais variados contextos de interações, sejam eles a hora do banho, a de brincar ou até mesmo a hora das refeições. O importante, conforme já dito, é que a criança desenvolva os seus comportamentos de modo espontâneo, flexível e natural (Prizant, Wetherby&Rydell, 2000).

Os dois principais programas de intervenção precoce de base desenvolvimentista, conhecidos mundialmente, são: o SCERTS e o DIR.

O primeiro leva esse nome por conta dos objetivos que o programa almeja: SC faz referência a *social communication*, ER é a abreviação de *emotional regulation* e TS se refere a *transactional support*. Os três pilares almejados são: comunicação social, regulação emocional e o suporte transacional. Esse programa pode ser aplicado em crianças a partir dos dezoito meses de idade.

O programa DIR (*Developmental individual-difference, relationship based model intervention program*) baseia-se no relacionamento e na individualidade de cada criança atendida. Também pode ser aplicado em crianças a partir dos dezoito meses – quando os primeiros sinais de autismo começam a ser apresentados. Seu objetivo é retomar o desenvolvimento saudável da criança acometida pelo TEA por meio da estimulação

das interações afetivas de modo a prepará-la para o engajamento em comunicações significativas, participação social, desenvolvimento simbólico e cognitivo.

Esses programas mostram a importância da afetividade para o desenvolvimento saudável de crianças autistas e lembram a necessidade de se valer dessa ferramenta. Quando a usamos com as crianças que sofrem do transtorno, elas têm a oportunidade de se conectarem ao afeto do outro, o que oferece condições para o aparecimento de interações sociais e de comportamentos fundamentais para o seu desenvolvimento.

Em relação à educação, a afetividade tem sido utilizada como recurso pedagógico há tempos e deve ser usada também para ampliar o desenvolvimento de alunos acometidos pelo espectro autista. Esse fato é corroborado nas palavras de Manoel (2016, p. 9):

Embora não exista uma forma pronta e específica para trabalhar com o autismo em sala de aula, existem fatores básicos na aprendizagem do indivíduo - comuns a todos nós que podem auxiliar como mediadores da aprendizagem, dentre eles a relação afetiva. A afetividade não é nenhuma nova concepção pedagógica, nem a mais nova descoberta científica para oportunizar melhor qualidade de vida. Trata-se de algo que acompanha o ser humano desde o nascimento. É um recurso pedagógico que precede ao uso do giz e do quadro negro. Ser afetivo é utilizar o campo emocional como um eficaz e real instrumento pedagógico, mediando a aprendizagem, trabalhando a memória e a cognição.

É preciso que o professor entenda seu papel de mediador e saiba desenvolvê-lo também diante de situações que envolvam um aluno acometido pelo TEA, de forma a conhecê-lo e, de acordo o que sabe, oferecer a ele uma experiência que seja realmente significativa em sua vida.

É importante que o professor entenda que esse aluno tem sua singularidade. A criança acometida pelo TEA é diferente e terá um desenvolvimento diferente das outras, mas não deixará de ter ganhos significativos em sua evolução.

De acordo com Vasconcelos (apud SANTOS, 2019 p.117),

Intervir nessas crianças supõe uma preocupação no estabelecimento dos laços sociais e o entendimento de que um diagnóstico comum não as transforma em iguais: cada criança é singular, caso único que poderá ter diferentes resultados em seu percurso de tratamento e de escolarização. A escola é fator importantíssimo para promover mudanças e tornar possível o seu desenvolvimento e interação. Uma das saídas encontradas para enfrentar as dificuldades na escolarização da criança autista é aproximar técnicos de saúde mental dos profissionais da educação, construindo uma rede de apoio à inclusão.

A escola é um instrumento que possibilita a interação afetiva de crianças com TEA. Dessa forma, os profissionais e a equipe gestora devem se preparar para acolher de forma afetiva esses alunos para que a inclusão se dê da melhor forma possível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da revisão bibliográfica, concluímos que a afetividade é uma ferramenta que pode ser utilizada para o desenvolvimento das crianças acometidas pelo Transtorno do Espectro Autista.

Piaget afirma que, sem o afeto, não há interesse. Sendo assim, é primordial que haja a construção de um vínculo afetivo entre professor e aluno, para que se abram possibilidades para que o professor desenvolva formas de acolhimento e possibilite, assim, o desenvolvimento global do aluno.

Teorias e pesquisas estudadas demonstram que, quando o aluno com TEA possui um vínculo afetivo, mesmo com suas limitações, ele se sente confortável, e isso potencializará o seu desenvolvimento.

Dessa maneira, quando os profissionais e responsáveis compreendem as limitações e as capacidades de cada aluno, podem planejar e formular métodos mais adequados e específicos para o seu desenvolvimento.

É importante ressaltar também que as interações sociais não ocorrem apenas na em sala de aula, mas em todos os locais frequentados pelas pessoas, inclusive por aquelas acometidas pelo TEA. De acordo com os teóricos Davis e Oliveira, conforme a criança experiência essas interações, ela é capaz de se desenvolver e de ampliar seu repertório e suas habilidades para lidar com o mundo.

Dessa forma, é recomendável que todas as pessoas que convivem com uma pessoa acometida pelo TEA – sejam, pais, psicólogos, psiquiatras, professores, qualquer profissional que presta atendimento na área da saúde e na área da educação possam manter uma relação afetiva e de confiança com ela.

Para que o crescimento seja efetivo, é aconselhável que todos do convívio da pessoa com autismo participem afetivamente do trabalho de desenvolvimento para que haja uma melhoria nas suas habilidades de forma contínua.

Conforme constatado nas teorias, as vivências sociais e familiares influenciam no desenvolvimento psicossocial da criança, e isso é ainda mais verdadeiro para os alunos com TEA.

É unânime a opinião dos estudiosos em dizer que: se todos aqueles que estão inseridos nas relações que envolvem a pessoa com autismo souberem lidar e usar da afetividade como ferramenta de evolução, é possível que ela consiga evoluir cada dia mais e com uma inclusão social realmente eficaz.

REFERÊNCIAS

BOSA, Cleonice; CALLIAS, Maria. **Autismo: breve revisão de diferentes abordagens. Psicol. Reflexo. Crit.**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 167-177, 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722000000100017&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 6 mar. 2020.

CAMARGO, Siglia Pimentel Höher; BOSA, Cleonice Alves. **Competência social, inclusão escolar e autismo: um estudo de caso comparativo. Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 28, n. 3, p. 315-324, set. de 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010237722012000300007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 31 jan. 2020.

CAVALCANTI, Ana Elizabeth; ROCHA, Paulina Schmidtbauer. **Autismo: construções e desconstruções**. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/2490/pdf/5?code=1p+bLvIHID6zkc8M15qSFgoRyoV4mGiKs7FYr/wJsQWWZoyf7LYMewvM+/iK3WCEPsjfeQqzRkIDrTPy8CpFA==>. Acesso em: 15 Abr. 2020.

DAVIS, Cláudia; OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Psicologia na educação**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

FIORE-CORREIA, Olívia; LAMPREIA, Carolina. **A conexão afetiva nas intervenções desenvolvimentistas para crianças autistas. Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 32, n. 4, p. 926-941, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932012000400012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 21 fev. 2020.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva (Org.). **Afetividade e práticas pedagógicas**. 2. ed. São Paulo: Casa do psicólogo, 2008. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/2287/pdf/4?code=59UmFWey6xp4hf/ZTscw8pGvW6+I/AonSOpeHdLcxuUb3D8DsLQhgXqSeNXSy21E1Bwk24kVwoxe9yDd/UxSTw=>. Acesso em: 25 mar. 2020

MANOEL, Vanda Ferreira. **A importância da afetividade para o processo ensino e aprendizagem dos alunos com transtornos do espectro autista**. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospede/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_edespecial_uenp_vandaferreiramanuel.pdf. Acesso em: 13 mar. 2020.

ORTEGA, Cláudia Broetto; ORTEGA, Antonio Carlos. **Cognição, afetividade e moralidade: estudos segundo o referencial teórico de Jean Piaget**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/3339/pdf/0?code=v8c9Vrbe4zVOcLMVvhiNCMmUfAPpkVD9vbp5MzbK/vsM5z9lbZUJpIPsG4vfN884OIG7o4ePKQHF+db7XjNjAA=>. Acesso em: 18 mar. 2020.

SANTOS, Shirley Aparecida dos. **Transtornos globais do desenvolvimento**. Curitiba: InterSaberes, 2019. Disponível em <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/177816/pdf/6?code=oxlh nPoLC4Vd97LIWHI ZZXXjvEGKLFtfDKKdRBxYFqyt2UR3L5D4hXBRcKEIZjZBKWT0vHHbext05Bl6Oyv80Q==>. Acesso em: 10 Abr. 2020.

SCHMIDT, Carlos (Org.). **Autismo, educação e transdisciplinaridade**. Campinas: Papyrus, 2014. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/5649/pdf/5?code=pkDH8HoS6lt8j9K6jBoScd6Qtj0OdoLiTMkd3FuvQs/zNfliAdCsqPn265VVE16aYcrO47YJdFtqE4Jkxd6TJA=>. Acesso em: 4 abr. 2020.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade 19, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 65, 67, 68, 69, 141, 142, 145, 146, 192, 193, 226, 227, 229, 230, 231, 232, 257, 283, 295, 308

Acolhimento 57, 65, 66, 105, 152, 176, 177, 237

Aluno surdo 35, 37, 38, 41, 44, 138, 139, 140, 143, 144, 148, 169, 205, 254, 255, 257, 259

Autoetnografia 242, 243, 244, 250, 251

Avaliação psicológica 73, 74, 75, 76, 77, 79, 80

B

Brincar 50, 54, 102, 103, 131, 137, 182, 193, 274

C

Cegueira 63, 64, 67, 69, 143, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191

Construção da aprendizagem 51, 52, 138

D

Deficiência visual 26, 50, 51, 57, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 169, 186, 229

Desenvolvimento da leitura 82, 83, 87, 88, 89, 90, 93, 94

Desenvolvimento do autista 96, 97

Dificuldades de aprendizagem 82, 83, 85, 86, 94, 95, 117, 118, 121, 122, 127, 158

E

Educação 17, 20, 22, 25, 26, 30, 34, 35, 48, 50, 52, 55, 56, 57, 58, 59, 64, 65, 66, 68, 70, 71, 72, 76, 80, 82, 87, 96, 97, 98, 99, 100, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 119, 122, 124, 127, 128, 130, 131, 132, 133, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 154, 155, 157, 158, 159, 160, 161, 164, 168, 170, 173, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 190, 191, 192, 193, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 208, 210, 211, 212, 213, 216, 217, 223, 224, 234, 236, 239, 240, 242, 243, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 254, 255, 257, 258, 259, 260, 261, 264, 267, 268, 269, 271, 272, 278, 279, 281, 282, 283, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308

Educação com o sonoro 181

Educação de jovens e adultos 149, 150, 153, 155, 157, 158, 159, 160, 204, 211, 247, 251, 261, 300, 307

Ensino 14, 19, 20, 23, 24, 30, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 41, 47, 48, 50, 51, 55, 65, 67, 76, 82, 83, 84, 87, 90, 98, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 122,

130, 131, 132, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 150, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 162, 172, 175, 185, 192, 193, 195, 196, 199, 200, 201, 202, 205, 206, 208, 209, 210, 211, 243, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 254, 255, 256, 257, 259, 260, 261, 264, 265, 267, 268, 269, 270, 271, 278, 284, 285, 288, 293, 294, 298, 299, 301, 302, 304

Ensino colaborativo 33

Ensino de matemática 107, 112

Ensino e aprendizagem 90, 106, 111, 112, 117, 119, 158, 172, 193, 199, 201

Ensino superior 19, 20, 24, 30, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 243, 248, 249, 250, 255, 259

Escrita 22, 33, 35, 52, 55, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 115, 169, 176, 196, 197, 244, 245, 249, 252, 286, 294

Evasão escolar 142, 144, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 159, 160

G

Gênero 1, 2, 7, 9, 10, 11, 15, 18, 236, 238, 240, 242, 243, 245, 308

I

Inclusão universitária 19, 20, 21, 22, 29

Intérpretes de libras 253

J

Jogos didáticos 50, 51

Jogos pedagógicos 192, 193, 194, 195, 196, 201

L

Libras 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 44, 45, 48, 52, 53, 76, 139, 143, 146, 161, 162, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 205, 211, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 282, 283, 284, 285, 289, 290, 294, 295, 296

M

Mulheres 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 34, 63, 67, 70, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 245, 246, 247, 250, 251, 285, 308

Mulheres quilombolas 1, 2, 3, 7, 10, 12, 15, 16, 308

O

Oficinas 25, 219, 220, 295

P

Pais surdos 161, 164, 165, 166, 167, 174, 175, 177, 178, 179, 180

Papéis sociais 234, 235, 237, 238, 239, 268

Papel do afeto 96

Paralisia cerebral diparética 192, 194, 196, 197, 201, 202

Pesca 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 18, 308

Pessoas com deficiência 19, 20, 21, 22, 23, 25, 30, 57, 58, 59, 66, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 108, 110, 111, 116, 130, 132, 135, 139, 140, 142, 145, 146, 147, 214, 216, 217, 218, 219, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 294

Processo de alfabetização 47, 84, 88, 89, 113, 192, 193, 194, 196, 201

S

Sociedade e Direito 234

Soroban 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116

T

Tecnologia 29, 35, 55, 88, 139, 141, 145, 146, 161, 279, 282, 284, 289, 308


Transtorno de déficit de atenção 23, 86, 117, 121, 127

V





Violência na escola 260, 261, 262, 265, 266, 268, 271, 272

Vivências 60, 61, 72, 99, 100, 105, 153, 193, 204, 242, 273, 275, 277

EDUCAÇÃO: MINORIAS, PRÁTICAS E INCLUSÃO

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

EDUCAÇÃO: MINORIAS, PRÁTICAS E INCLUSÃO

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br